

5.

Por que contar é importante para a formação do leitor

As histórias são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto (Doheme, 2000: 24)

Quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias (Maireles, 1984: 55).

Por todo o percurso percorrido até aqui, percebe-se que há muitos motivos para se contar: “Conta-se e ouve-se para satisfazer essa íntima sede de conhecimento e instrução que é própria da natureza humana. Enquanto se vai contando, passam os tempos do inverno, passam as doenças e as catástrofes (...)” (MEIRELES, 1984: 49). Rememorar os acontecimentos ajuda-nos compreendê-los e sobreviver às forças esmagadoras do real.

São tantas as razões para que seja justificada a necessidade de se dar continuidade à contação de histórias e, conseqüentemente, por todo o exposto, estaria assegurada mais uma forma de incentivo à leitura, pois como relata Machado (2004):

Alguém conta histórias porque gosta de sonhar, ou quer compartilhar um momento de magia. Ou porque deseja que os outros experimentem o mesmo estado acima e além do tempo, ou se sente desafiado a conquistar uma audiência, ou gosta de ver o brilho nos olhos das crianças. Tanta coisa... (MACHADO, 2004: 45).

Tanta coisa... E embora os tempos sejam outros e a tecnologia avance rapidamente ofertando novas ferramentas, parece-nos que esta prática não está ameaçada. Ela conserva a mesma sedução, preserva um público (o humano), mantém algumas formas e tradições e acrescenta outras. Nesse sentido, a contação de histórias também segue o mesmo caminho. A relação humana permite e reclama a narração em suas vivências. Faz-se necessária pré-disposição. Abertura. Entrega. Desejo. Conhecimento. Alguma técnica. Ação.

Lobato percebe isso e faz a sua parte. Deixa-nos um legado que parece conduzir a um percurso (generoso, que permite trilhas, avanços e recuos), adaptações ao tempo e espaço. Liberdade.

Vejamos alguns relatos de contadores de histórias, teóricos da literatura, pedagogos, escritores e pessoas envolvidas com a pesquisa e a prática da contação

e, por conseguinte, da formação leitora e verificaremos, como que, de fato, são muitas as razões para se contar, mas que, em algum momento, elas se encontram, se cruzam, se tocam, se entrecruzam e se abraçam.

Como exemplo, podemos citar a importância da contação na resolução de problemas, pois a contação estimula o senso crítico conforme propõe Maria Betty Coelho Silva:

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos (SILVA, 1998: 11)

Mesmo quando a solução do problema transita no campo do imaginário, a organização psíquica está sendo trabalhada e treinada para, em outros momentos, ser retomada em situações cujos traços de realidade se impõem com mais ênfase. Vejamos como a Emília se utiliza deste treino:

Como o papelzinho estivesse rasgado num ponto, havia dúvida se o convite era da rainha das Vespas ou da rainha das Abelhas.
Narizinho respondeu ao convite por meio dum borboletograma. Não sabem o que é? Invenção da Emília. Como não houvesse telégrafo para lá, a boneca teve a idéia de mandar a resposta escrita em asas de borboleta. Agarrou uma borboleta azul que ia passando e rabiscou-lhe a asa, num espinho, o seguinte:
“Narizinho, a Condessa e o Marquês agradecem a honra do convite e prometem não faltar.” (LOBATO, 1960: 54).

É também a boneca que reconhece no faz-de-conta a saída para a solução dos problemas, mesmo aqueles que, aparentemente, não têm mais solução. É nesta hora que o faz-de-conta aparece como último e suficiente recurso:

Acalmem-se! Ainda há o “supremo recurso” – disse a diabinha.
Todos voltaram-se para ela, suspensos.
- Fale, Emília, fale! – implorou Dona Benta - Há o “faz-de-conta”! Quando tudo parece perdido, eu recorro ao “faz-de-conta” e salvo a situação. (Lobato, 1958 a: 93)

Por vezes, Lobato também usa da intertextualidade com os ditados populares para auxiliar na solução dos problemas: “- Faça uma rédea de caudas de outros cometinhas – gritou Emília. – Rabo de cão se cura com mordedura do próprio cão, como diz tia Nastácia.” (Lobato, 1962: 101).

Com o senso crítico aguçado, conseqüentemente, a capacidade de organização das idéias é aumentada, pois se adquire a possibilidade de cruzar elementos para uma melhor leitura de mundo e de nós mesmos. Auxilia, dessa

maneira, o enfrentamento da vida, dos medos, dos anseios e tudo mais que se apresente como desafio.

Essa capacidade de organização, segundo Antonio Candido (1995: 245) é inerente à obra de arte: “o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos”.

A contação de histórias possui também a capacidade de propor a criação por imagem, através do pensamento mágico, também característico da literatura, conforme apontado por Sisto (2005)

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. É ele o elo da comunicação (SISTO, 2005: 28).

Lobato, através da sua literatura, não só também oportuniza a criação por imagens como sabe o quão valiosa é esta prática que num quase jogo de sobreposição, parece render homenagem a este modo de criar:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados Quando sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. (LOBATO, 1960, p. 4).

A contadora de histórias Cléo Busatto (2003: 45) também revela vários motivos para contar: “(...) Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário (...)” (Cléo Busatto, 2003: 45).

Através da contação, há a possibilidade de estímulo ao privilégio humano de imaginar, como se fosse um antídoto contra o que ela chamou de “esvaziamento do sentido humano”. Quem compactua desse mesmo pensamento é a contadora Maria Betty Coelho Silva (1998)

A história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, classe social, de circunstância de vida (SILVA, 1998: 12)

A contadora toca num ponto relevante, que nos parece, por vezes ainda causar algum tipo de “equivoco cultural” ao se reduzir à contação de histórias às crianças. De certo que elas são amantes desta prática, mas não são as únicas. A

experiência empírica tem mostrado o que os estudos comprovam. Vejamos o que nos diz a pedagoga Fanny Abramovich (1998)

Adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contando histórias pelo telefone (verdadeiras, fictícias, vontades do que aconteça...) por querer partilhar com outros algum momento que não tenham vivido juntos... Quantas vezes, no meio dum papo cálido e próximo, ou agitado e risonho, alguém diz: 'Ei, eu já te contei essa história? Não??? Nossa... Pois é... (FANNY ABRAMOVICH, 1977: 22).

Como um bom observador da conduta humana e também conhecedor de certos reducionismos, Lobato mostra, através da sua obra, o envolvimento humano com a contação. Agregador, ele convida adultos e crianças a se fartarem deste “banquete”. Assim, percebemos êxtase e entrega, sem separatismos de quaisquer valores, credos, idades, classes sociais, ou quaisquer outras diferenças que possam dividir, mas cada qual, na sua singularidade, toma parte da história e escreve a sua própria história, pois como acrescenta Silva “Não apenas as crianças, mas também adultos podem descobrir numa história a solução de algum problema...” (Maria Betty Coelho Silva 1998: 52). E, além disso, leitores são formados a todo instante e em qualquer época da vida, embora alguns estudos comprovem que a idade infantil é um bom momento para isso, por diversas razões, dentre elas, pela “disponibilidade do olhar”. Ecléa Bosi elucida esta questão: “Quanto mais o adulto está empenhado na vida prática, tanto mais aguda é a distinção que faz entre fantasia e realidade, e tanto, mais esta é valorizada em detrimento daquela” (BOSI, 1994: 58). Regina Machado adentra mais a questão e detecta, embora de forma metafórica, o momento em que alguns adultos podem perder o interesse pelo universo das histórias.

Durante a leitura ou a escuta de uma história pode haver uma variedade muito grande de experiências misteriosas que, quando pequena, a criança conhece muito bem e com familiaridade. Tais experiências vão aos poucos constituindo as árvores do fundo de sua floresta interior. À medida que ela cresce começa a aprender a relevar apenas aquele tipo de experiências que chamei de árvore da frente da floresta, que “faz sentido para o mundo socialmente aceitável” e pode ser explicável de modo tão correto como dois e dois são quatro. Não que o coração deixe de bater mais rápido ou o calor deixe de invadir o peito (...). O desconhecido não é mais uma aventura; passa a ser mais um terreno perigoso, no mínimo algo que não fala mais, não move a curiosidade e, portanto, não alimenta a possibilidade de conhecer (MACHADO, 1994: 28).

Essa teoria legitimou o que Lobato anteviu, detectou e sinalizou através da sua obra:

O Sítio de Dona Benta foi-se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado mundo de mentira. O Mundo de Mentira, ou Mundo-da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País-das-Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor-das Alturas. Mas o Mundo-da-Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam. (LOBATO, 1958c: 3)

Ao que nos parece, as histórias nos ajudam a recuperar o olhar perdido, a ver o essencial, o além das aparências. Talvez por isso, muitos creditem à criança a paixão pelas histórias, pois o olhar dela nos parece mais predisposto ao jogo do imaginário, que solicita, por si só, um olhar mais livre das amarras cotidianas, tão embrutecidas e empobrecidas por uma prática burocratizante e esmagadora. O trecho abaixo ilustra o que ora tratamos:

Encontrei lá um velho, uma jovem camponesa e um menino. Pedi informações aos três. O velho riu-se da minha pergunta; a jovem camponesa disse que podia ser que sim, podia ser que não; já o menino afirmou com a maior segurança ter visto a imagem de Pégaso refletida na água da fonte. Suas palavras encheram-me de esperança, porque dou mais fé a um menino do que a um moço ou a um velho. - “E como era a imagem que viste na fonte?” – perguntei ao menino. - “Oh” – respondeu ele – “era uma coisa linda, que até me doeu nos olhos, de tanta alvura. Mas foi visão rápida. O cavalo de asas saía duma nuvem e entrava em outra. Enxerguei-o só por um instantinho.” - “E não olhaste para cima?” - “Não tive coragem... Acreditei em suas palavras e deixei-me ficar por ali muitos dias, na esperança de também ver a imagem de Pégaso na fonte. Diariamente passava horas e horas mirando o espelho das águas. (Lobato. 1958^a:70 e 71)

Talvez também por isso, o contador Sisto nos alerte que “precisamos acreditar que somos todos um pouco Peter Pan (...) vivenciar o prazer de não crescer, tendo crescido!” (SISTO, 2005: 82). As crianças do sítio concordam com isso. Vejamos o que diz Narizinho:

-Ora os adultos! – exclamou Narizinho com ar de pouco caso. – não há maior sem-gracismo do que ser adulto. Bem razão tinha Peter Pan em não querer crescer, em não querer nunca virar gente grande – ou “adulto” como eles dizem com todo pedantismo. (Lobato, 1962: 102).

Dessa forma, resgate-se ou se cultive o privilégio de imaginar, de ouvir, de dizer, de viver através das histórias. Lobato nos mostra que isso é possível e essencial, mesmo que, num primeiro momento, essa tarefa pareça mais próxima e, por isso mais fácil às crianças, como podemos observar:

Dona Benta leu. Era isso mesmo. Pedrinho viria dali uma semana.

- Uma semana ainda? – comentou Narizinho, desanimada de tanta demora. Que pena! Tenho tanta coisa a contar a Pedrinho – coisas do Reino das Águas Claras...
 -Não sei que reino é esse. Você nunca me falou nele, disse Dona Benta com cara de surpresa.
 - Não falei nem falo, porque a senhora não acredita. Uma beleza de reino, vovó! Um palácio de coral que parece um sonho! E o Príncipe Escamado, e o Doutor Caramujo, e Dona Aranha com suas seis filhinhas, e o Major Agarra, e o papagaio que salvei da morte – quanta coisa!... Até baleias vimos lá, uma baleia enorme, dando de mamar a três baleinhas. Vi um milhão de coisas mas não posso contar porque não acreditam. Para Pedrinho, sim, posso contar tudo, tudo... (LOBATO, 1960: 33)

O fato de o mundo maravilhoso ser mais aceito pelo universo infantil pode também ser verificado na obra:

Terminado o assunto Emília, começou o assunto Reino das Águas Claras. Narizinho contou a série inteirinha daquelas maravilhosas aventuras, despertando em Pedrinho um desejo louco de também conhecer o príncipe-rei. De nada se admirou, conforme o seu costume. Tanto ele como Narizinho achavam tudo tão natural! Só se estranhou que o Pequeno Polegar tivesse fugido da sua historinha. (LOBATO, 1960: 52 - 53).

Mas Lobato trata de nos mostrar que os adultos também podem retomar o olhar e resgatar o pacto com o mundo da imaginação que passa a ser tão real. Vejamos o que se segue neste mesmo contexto e a forma como Lobato revela a possibilidade deste reencontro:

Dona Benta de fato nunca dera crédito às histórias maravilhosas de Narizinho. Dizia sempre: "Isso são sonhos de crianças." Mas depois que a menina fez a boneca falar, Dona Benta ficou tão impressionada que disse para a boa negra: - Isto é um prodígio tamanho que estou quase crendo que as outras coisas fantásticas que Narizinho nos contou não são simples sonhos, como sempre pensei. (LOBATO, 1960: 33)

Até mesmo Tia Nastácia embarca nesta possibilidade. Retomemos: "-Eu também não acreditava, Sinhá". Essa menina é levada da breca. É bem capaz de ter encontrado por aí alguma varinha de condão que alguma fada tenha perdido... E tal qual a varinha de condão, talvez com isso, Lobato nos mostre que através da contação e de todo o universo que o caracteriza, seja possível ao adulto também encontrar o olhar perdido.

De modo que, uma vez tendo reencontrado o universo esquecido, reconhece nele a riqueza de possibilidades, pois o imaginário é inrotulável.

A preta fez o sinal da cruz. Enquanto isso os outros fidalgos da corte foram pulando. Pulou o venerando Bernardo Eremita. Pulou a Senhorita Sardinha. Pulou Dona Aranha Costureira. Pulou o Major Agarra e não larga mais. Cada um que pulava era um novo berro de tia Nastácia.
 - E uma sardinha agora, Sinhá! – ia ela exclamando. E agora uma aranha! E agora um sapo! O mundo está perdido...

Por fim não agüentou mais: disparou para a cozinha. Dona Benta, porém, foi se acostumando, e dali a pouco já não estranhava coisa nenhuma. Começou até a achar uma graça enorme em tudo aquilo.

- Você tem razão, minha filha – disse ela por fim. Esse mundo em que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante que o nosso. (LOBATO, 1960: 129).

É por isso, que muitas vezes, percebemos o êxtase de um adulto ao mergulhar no universo das histórias. Isso se caracteriza em gestos e sensações de tia Nastácia e demais personagens que se aproximam e se permitem escutar as histórias narradas.

Já que neste instante, estamos tratando de idades, chamamos a atenção para mais um detalhe colhido na tradição e ratificado por Lobato, que vai além e também prolonga na voz das crianças outra possibilidade, não reduzindo uma prática, mas pluralizando e valorizando saberes. Trata-se de seguir a máxima de que o contador de histórias geralmente é um idoso. Vejamos o que nos conta Moraes (2006)

O contador de histórias Horácio Santos, o Lalo, nos conta que em sua terra natal, o arquipélago africano de Cabo Verde, os mais moços costumam se reunir para escutar histórias dos homens e mulheres que, por terem nascido a mais tempo e transmitirem tradições e experiências no seu repertório, não são chamados de velhos e velhas, e sim de Homens Grandes e Mulheres Grandes. Acontece que hoje, nem sempre nos permitimos apreciar o tanto de conselhos que o tempo descansa nas histórias das Mulheres e Homens Grandes (MORAES, 2006: 6)

Enfim, quantificar os motivos para a continuidade da contação de histórias torna-se tarefa quase inesgotável e, após este percurso, até redundante. Então, de forma concisa, elegemos dentre eles, dois que nos interessam mais de perto e que possam dar conta de tantos outros. São eles: a contribuição ao processo de humanização e à formação do leitor. Buscamos apoiarmo-nos no que diz Antonio Cândido melhor esclarecer o termo “humanização”.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (ANTONIO CANDIDO, 1995: 249).

Há outros “traços” que entendemos como necessários ao homem e, que nem sempre são valorizados por uma sociedade que se tornou eminentemente voltada ao trabalho e que segue a máxima de que “tempo é dinheiro”. Lobato

também chama a atenção para isso e valoriza o ócio como constitutivo de uma vida melhor, mais humana. Vejamos esta passagem:

Era em abril, o mês do dia de anos de Pedrinho e por todos considerado o melhor mês do ano. Por quê? Porque não é frio nem quente e não é mês das águas nem da seca – tudo na conta certa! E por causa disso inventaram lá no Sítio do Picapau Amarelo uma grande novidade: as férias-de-lagarto.

Que história é essa?

Uma história muito interessante. Já que o mês de abril é o mais agradável de todos, escolheram-no para o grande “repouso anual” – o mês inteiro sem fazer nada, parados, cochilando como lagarto ao sol ! Sem fazer nada é um modo de dizer, pois que eles ficavam fazendo uma coisa agradabilíssima: vivendo! Só isso. Gozando o prazer de viver...

-Sim – dizia Dona Benta – porque a maior parte da vida nós a passamos entretidos em tanta coisa, a fazer isto e aquilo, q pular daqui para ali, que não temos tempo de gozar o prazer de viver. (LOBATO, 1962: 3).

E viver é também aprendermos a lidar com as nossas “emoções”. Lobato também as valoriza em sua literatura, pois sabe que a literatura também forma para a vida. Em sua obra, os personagens possuem uma carga de sentimentos que os torna próximos ao humano, enaltece os sentimentos mais “nobres”, embora transite pelos mais “vis” de forma, a saber, que há estas e outras partes que compõem o homem, mas ao que nos parece, a solidariedade predomina, pois ele acredita que mesmo estando mais ou menos pré-estabelecido, o ser humano, sobretudo as crianças, ainda podem fazer a diferença e contribuir para uma melhor convivência em nosso mundo.

Vejamos um trecho em que os personagens comungam do sentimento “saudade”, e isto os tornam bem próximos do homem. O motivo é a falta do Visconde de Sabugosa (o sábio feito de uma espiga de milho) que vivera o drama na última parte de “Reinações de Narizinho” de morrer no mar, restando apenas os seus restos mortais, tão bem guardados pela Emília em sua canastrinha.

Mas era preciso que o Visconde existisse! O sítio ficava muito desenhado sem ele. Todos viviam a recorda-lo com saudades, até o Burro Falante, até o Quindim. Só não lembrava dele o Rabicó, o qual só tinha saudades das abóboras e mandiocas que por qualquer motivo não pudera comer. (LOBATO, 1962: 6).

Lobato contribui de forma significativa para ambos os processos. Julgamos desnecessário, contudo, elucidar o que entendemos como formação leitora, uma vez que já tratamos sobre isso e que a formação leitora passa pelo processo de formação do humano, mas fazemos questão de tomar como exemplo, a nosso ver, uma das mais belas passagens da obra que retrata o processo de humanização tão levado a sério pelo nosso autor, que extrapola os limites do humano e expande

para uma boneca de pano o processo de humanização. Falamos da Emília ao citar suas memórias. A boneca emociona-se e deixa escapar o quanto de aprendizado e humanização que a compõe e, desta forma, podemos, como num espelho, refletirmos e olharmos para dentro de cada um de nós.

Lobato humaniza através da ficção, porque para a ficção não há impossível, como diz Pedrinho: “Para nós não há impossíveis – afirmou Pedrinho com orgulho – Quem tem no bolso este pó mágico, zomba das leis da natureza. Sabe o que podemos fazer? Montar num cometa e esfregar no nariz dele um pouco de pó de pirlimpimpim.” (Lobato, 1962: 71 - 72).

E além de não haver impossível, na ficção, se não quisermos, nada acaba:

Assim que Emília denunciou a presença do crocodilo, todos correram para ver. O enorme sáurio vinha nadando atrás do “Beija-Flor”, de boca aberta, muito vermelha e cheia de dentes.

- O que atrapalha – disse Pedrinho – é o despertador que ele tem no estômago. Várias vezes já esteve quase pegando o capitão – mas o despertador faz tlin-lin-lin e o pirata ouve e bota-se.

- Está aí uma coisa que me espanta – disse Narizinho. A corda desse despertador já devia ter acabado há muito tempo.

- Devia, se fosse no “mundo normal” – explicou Emília. Aqui no mundo fabuloso nada acaba – nem corda de despertador! (Lobato, 1958a: 134 - 135).

*Grifo nosso.

Ficam estes dois motivos e que eles abriguem tantos outros... Afinal, “uma história não puxa a outra? Se levarmos em conta a empiricidade dos fatos, o que podemos observar do que vimos na obra lobatiana e o próprio conceito de texto como tecido, os fios devem continuar a serem urdidos e aí, “uma história puxa a outra”... E lembrando a velha Benta (em Geografia de Dona Benta, 1957): “- Cama, meninada! Fica o resto para amanhã.” (Lobato, 1957: 40). Bentas e Xerazades... tecendo fios como e enquanto a noite tece um outro amanhecer.

De fato, há muitos motivos para se contar. Rememorar os acontecimentos ajuda-nos a compreendê-los e sobreviver às forças esmagadoras do real.

A circulação dessas idéias não para no Sítio e dentro de nós, uma vez iniciada, o recuo já não se faz mais possível e essa “teia” se prolonga num tecer contínuo, como o é a própria vida.

Para que isso seja possível, é preciso que tenhamos “olhos de ver”, olhos de pelo menos duas qualidades, como já advertiu Emília: “os da cara e os da imaginação”. Pois como ensinou Dona Benta: “-Uma coisa grande nós temos, meus filhos: a imaginação. Se a nossa inteligência é limitada e de todos os lados

dá de encontro a barreiras, temos o consolo de montar no cavalo da imaginação e galopar pelo infinito”... (Lobato, 1962a: 151).

Isto para que possamos galopar (como proposto em “Os Serões de Dona Benta”- 1962) ou navegar (como proposto em “Geografia de Dona Benta” – 1957) por infinitas histórias...

No dia seguinte Emília teve uma idéia.

- Vamos estudar geografia de outro jeito – propôs. Tomamos um navio e saímos pelo mundo afora vendo o que há. Muito mais interessante.

- Mas onde está o navio, boba? – indagou Narizinho.

- Um navio faz-de-conta.

- Acho ótima a lembrança, Emília – disse Dona Benta. E eu sigo no comando desse navio. (LOBATO, 1957: 32)

Segundo Loureiro, (1995), “ler é envolver-se”. Vamos nos aprofundando nas areias movediças do texto, deixando-nos encobrir pelas palavras, envolvidos por todos os lados, como a luz e o ar (...) Ler é a felicidade do olhar” (Loureiro, 1995: 24-25). Isso nos permite pensar a leitura como vivência, como entrega de – uma infundável parceria que consiste na interação de textos e contextos. A aprendizagem da leitura se dá com a prática enquanto se vive, pois o sentido que se dá à própria vida está intimamente relacionado às experimentações cotidianas que envolvem os sentidos. Ato simples como perceber o colorido das coisas, sentir os perfumes diluídos no ar, tocar os verdes da natureza e, até mesmo, as interferências em situações políticas e sociais são participações essenciais na construção desse sentido (Cf. Lucci, 1995: 22). A relação da vida com a leitura é de aproximação de ambos, assim como afirma a autora (1995), “viver realmente a leitura é trazer cada vez mais o experimentado, as sensações, as histórias conhecidas para o texto que estivermos lendo num saber/sabor contínuo do tecer” (Lucci, 1995: 23). Essas vivências podem ser percebidas durante toda a narrativa Lobatiana, quando se conta / lê. Vejamos um trecho de Os Serões em que Dona Benta trata dos “ventos e tempestades”:

-Pois é. O ar tem o seu ponto de saturação, e se continua a receber mais vapor, chega ao que se chama ‘ponto de orvalho’. (...) – O orvalho é coisa muito romântica – observou a menina. Os poetas não passam sem ele... –De fato, minha filha, é um fenômeno mimoso, realmente poético. Quando de manhã bem cedo vou ao jardim e vejo os milhares de diamantezinhos que o orvalho deposita nas teias de aranha, nunca deixo de parar e sorrir. É um espetáculo que me faz bem – que me enche a alma de poesia... (Lobato, Serões De Dona Benta, 1962: 128).

Os ensinamentos não estão distantes da realidade. E a ela, em Lobato, a imaginação também se funde, pois não estão distantes. Dona Benta ao falar das nuvens diz: “-Temos por fim os cirros, pairantes a oito milhas e mais de altura, picadinhos, acarneirados. São compostos de massas de neve solta.” (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 131) E a boneca Emília: “-Que lindo! (...) Quem me dera boiar nêles nos dias de calor! Adoro a neve...” (Ibidem). Narizinho contesta: “Já se viu que pernóstica? (...) Neve! Onde Emília viu neve?” (Ibidem). E a boneca mais que depressa:

-Nunca vi neve mas adoro-a. Que tem uma coisa com outra? Dona Benta já disse que temos duas qualidades de olhos; os da cara e os da imaginação. Já vi muita neve com os olhos da imaginação (Ibidem)

Pode-se dizer que neste instante, Emília retrata a sobreposição da magia inerente à arte, pois ela mesma, fruto do imaginário de um escritor, é capaz de olhar com os olhos da imaginação.

Seja lá qual for o meio, vivenciar, experimentar, atravessar e deixar-nos ser atravessados por infinitas histórias onde categorias como realidade, real e imaginário se fundem contribuindo para a formação do leitor, um leitor de mundo, e não nos faça esquecer da substância primeira de que somos feitos: humanidade, cuja diferença está justamente na palavra que enuncia, enquanto sujeito.